



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Autores-leitores da tradição literária: a literatura digital como ação preservacionista*

Author-readers of literary tradition: digital literature as a preservational action

Pablo Gobira^a; Fernanda Corrêa^b

^a Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil - pa.gobira@gmail.com

^b Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil - fernandalcorrea@gmail.com

Palavras-chave:

Artes Digitais.
Literatura Digital.
Preservação.
Leitor. Autor.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar obras literárias digitais em que as noções de autor e leitor se aproximam em experiências narrativas e poéticas constituídas a partir de apropriações de textos da tradição literária. Essa abordagem se dá a partir da composição de obras literárias digitais, nas quais o ato de “ler”, nas relações entre literatura e tecnologia, pode significar também um modo de preservação da tradição, quando a reconstrói para avançá-la, repetindo - muitas vezes até por meio de interatividade do leitor - um modo de reviver o texto literário de modo diverso. Discutimos, no artigo, as obras digitais: *MUPs* (2013), de Jhave, *iLibShakespeare* (2014), de Scot Gresham-Lancaster e Tim Perkis; e o *MyNovel* (2006), de Alan Bigelow. Esses trabalhos foram selecionados do repositório digital *Turbulence*, o que permitirá que ilustremos o resgate da tradição através do desenvolvimento estético de obras, constituindo esse “autor-leitor” que age em conjunto para a composição da obra digital.

Keywords:

Digital Arts.
Digital Literature.
Preservation.
Reader. Author.

Abstract: This work aims to identify and analyze digital literary artworks in which the notions of author and reader approach narrative and poetic experiences based on appropriations of texts from the literary tradition. This approach is based on the composition of digital literary artworks, in which the act of “reading”, in the relations between literature and technology, can also mean a way of preserving tradition, when it rebuilds it to advance it, repeating – many times, sometimes even through reader interactivity – a way of reviving the literary text differently. We discuss, in the article, the digital artworks: Jhave's *MUPs* (2013), Scot Gresham-Lancaster and Tim Perkis's *iLib Shakespeare* (2014); and Alan Bigelow's *MyNovel* (2006). These artworks were selected from the *Turbulence* digital repository, which will allow us to illustrate the redemption of tradition through the aesthetic development of artworks, constituting this “author-reader” who acts together for the composition of the digital artwork.

* Este trabalho é fruto de pesquisa apoiada no grupo de pesquisa, desenvolvimento e inovação Laboratório de Poéticas Fronteiriças (<http://labfront.tk>), apoiado pelo CNPq, pela Fapemig e pela PROPPG/UEMG, aos quais agradecemos.



INTRODUÇÃO

Propomos neste artigo identificar e analisar obras literárias digitais em que as noções de autor e leitor se aproximam em experiências narrativas e poéticas constituídas a partir de apropriações de textos da tradição literária. A ideia de apropriação é compreendida como artifício aplicado em uma elaboração estética baseada no processo de leitura da tradição ou de artista/poeta/escritor antecessor. Como enfocamos a literatura tradicional¹ revista na elaboração estética da literatura digital, o nosso recorte trata especificamente deste campo artístico.

Neste estudo, essa abordagem se dá a partir da composição de obras literárias digitais, nas quais o ato de “ler”, nas relações entre literatura e tecnologia, pode significar também um modo de preservação da tradição, quando a reconstrói para avançá-la, repetindo – muitas vezes até por meio de interatividade do leitor – um modo de reviver o texto literário de modo diverso. Acreditamos ter, com isso, a aproximação dos movimentos de elaboração estética ao ato de “ler” ou receber a obra, quando consideramos suas relações com a tradição literária as quais o autor/poeta encena com a participação do leitor/interator na sua obra digital. Mostraremos a seguir as nossas reflexões que permitem acreditar que esse movimento explicita o autor como leitor e o leitor como participante desse processo, de modo interligado, tendo em vista a tradição artística/literária recente.

Para apresentar essas reflexões, este artigo traz na próxima seção uma argumentação sobre a elaboração estética como uma ação de preservação da memória. Na seção seguinte, discutimos casos selecionados do repositório digital *Turbulence: MUPs* (2013), de Jhave, *iLib Shakespeare* (2014), de Scot Gresham-Lancaster e Tim Perkis; e o *MyNovel* (2006), de Alan Bigelow. Essas obras digitais permitem que ilustremos o resgate da tradição através do seu desenvolvimento estético, constituindo esse “autor-leitor” que age em conjunto para a composição da obra.

¹Muitos autores, como o faz em alguns momentos a pesquisadora Claudia Kozak (2018), preferem se referir à literatura não digital/eletrônica como literatura analógica. Neste trabalho, optamos por chamar a literatura não digital de “tradicional”, muito mais para facilitar a redação do que para problematizar conceitualmente. Também é importante salientar que a ideia de “tradição literária” não está ancorada nas discussões sobre o cânone literário. Estes avisos e preocupações nos lembram, inclusive, as de Thomas Stearns Eliot (1989), em seu clássico ensaio “Tradição e talento individual”. Diferente de T. S. Eliot, não estamos aqui em busca de determinar o que seria a tradição literária – se algo estável, do passado; ou se algo que passa a outra geração, que muda, permitindo que a literatura flua. Tratamos de “tradição literária” como uma expressão que corresponde às obras que precedem as de literatura digital e, mais ainda, aquelas que aderem a movimentos literários pré-1900, vanguardas do século XX, ou são compostas por autores célebres de séculos diversos que podem porventura estar inseridos em determinados cânones.

A ELABORAÇÃO ESTÉTICA COMO AÇÃO PRESERVACIONISTA

Quando tratamos de “artes digitais” é comum considerarmos as diversas expressões das artes em contexto posterior ao advento das tecnologias digitais. Por esse motivo, essa expressão está relacionada à “*new media art*”, “*net art*”, “arte computacional”, “arte binária”, “arte eletrônica”, mas também à literatura digital, literatura eletrônica, poesia eletrônica ou digital. Neste trabalho, consideramos todas essas expressões (e outras ainda, como “arte robótica”, “bioarte” etc.) dentro de um mesmo grande campo das relações entre arte, ciência e tecnologia. Como preferimos nos referir a tudo isso como “artes digitais”, é importante salientar o enfoque na especificidade do objeto do qual trataremos aqui, que é a literatura digital. O mais importante é que o campo se forma com associações acadêmicas, exposições e meios diversos de circulação. Um exemplo dessa estruturação do campo é a formulação de suas noções. Uma delas é importante para este trabalho e surge a partir da reflexão da teórica argentina Claudia Kozak, que afirma:

A literatura digital é entendida [...] como um conjunto de práticas artísticas e obras multimídia em geral, mas que evidenciam uma função poética relevante em diálogo reconhecível com a literatura (analógica) em seu sentido convencional – sua história, seus gêneros, por exemplo – e em cujos processos de produção, circulação e recepção envolvem não apenas dispositivos digitais, mas, em graus variados, a programação em código de computador. (KOZAK, 2018, p. 17. Tradução nossa)

A literatura digital, como a expressão literária que utiliza meios tecnológicos digitais em sua composição estética (e não apenas como suporte para apresentação do texto literário em tela digital), se torna um campo de interesse neste trabalho justamente por trazer à literatura e aos estudos literários um universo de problemas relacionados aos seus contextos não apenas de produção, mas também de recepção. O principal deles é, justamente, a possibilidade de borrar as fronteiras.

Podemos reconhecer, através das obras que apresentaremos a seguir, não apenas padrões de composição desse campo recente da produção literária, mas também veremos uma peculiaridade desse campo que permite, por meio dos casos que estudaremos, compreender um tipo de preservação tecnológica (e criativa) da tradição literária. Quando afirmamos isso, podemos conferir que a figura do “autor” pode ser também expandida para a de um “autor-leitor”, pois busca na tradição literária os elementos que fundamentam a composição de suas obras.

É interessante observar que a evolução tecnológica da sociedade pós-industrial, desde o princípio desse desenvolvimento, conserva a prática de borrar as fronteiras entre autor e produtor. Já na década de 1930, no clássico ensaio sobre a obra de arte, Walter Benjamin percebia a dimensão de mistura dos processos produtivos no campo editorial. Naquele contexto observa o autor sobre o aparecimento nos jornais do “Correio dos Leitores”:

(...) praticamente não há nenhum europeu inserido no processo produtivo que, em princípio, não tenha a possibilidade de publicar em qualquer lado uma experiência de trabalho, uma queixa, uma reportagem ou coisas do gênero. É assim que a diferença entre autor e público está prestes a perder as suas características essenciais. (...) O leitor está a todo o momento preparado para se tornar um escritor. (BENJAMIN, 2017, p. 31-32)

Essa condição do contexto produtivo, apontada por Walter Benjamin em relação ao mercado editorial, tornou-se muito mais clara no decorrer das últimas décadas. Essa situação, desde os tempos do autor alemão, apenas se acirrou e constituiu uma realidade da junção entre leitor/produtor, ambos como produtores – no caso de Benjamin, no sentido da indústria editorial – no universo literário.

Neste texto, por uma questão de foco e propósitos, não desenvolveremos uma reflexão ancorada no aspecto negativo dessa dimensão apontada por Walter Benjamin. Nós temos consciência de que essa dimensão e os problemas do tempo de Benjamin podem ser trazidos para o contexto atual, somando-se às questões peculiares que o digital manifesta, como, por exemplo, a volatilidade/efemeridade indesejada, as dificuldades com a preservação técnica e conceitual, dentre outras que foram desenvolvidas em outros trabalhos (GOBIRA, 2016; GOBIRA, CORRÊA, 2019).

Diante do exposto, reconhecemos esse autor como leitor. Porém, nessa condição, são leitores críticos de uma tradição à medida que se utilizam dos meios tecnológicos digitais sob o artifício de sua recuperação, elaborando esteticamente um novo trabalho, que, conseqüentemente, sofrerá a interação de um leitor, agora em condição de interator: ator que interage na produção dos significados da obra digital.

Encontramos em termos como “apropriação”, “antropofagia”, “colagem” e “citação” movimentos parecidos com os descritos aqui no horizonte da relação de um contemporâneo com a obra de quem o antecede. Com as vanguardas artísticas do início do século XX (i.e.: Futurismo, Dada e Surrealismo, por exemplo), vimos um movimento de negação da origem

em diversos exercícios praticados em seus programas. A autoria coletiva, a colagem, o uso de experimentos de acaso e/ou que traziam o inconsciente para a elaboração estética constituem esse movimento de negação. A negação nas vanguardas também pode ser vista como oposição à tradição quando vemos a arte moderna sob novos parâmetros: seja apontando para o futuro e suas qualidades; para a destruição da arte como necessidade; ou mesmo realizando-a de modo suprarreal; porém, no contexto atual, esse movimento não ocorre como em um fluxo programático.

Os movimentos estabelecidos pelos termos mencionados (apropriação, antropofagia, colagem etc.), ainda que não estejam em estado de combate com a autoria original nas obras que analisaremos na próxima seção, se relacionam com a negação da ideia de originalidade. Essa negação pode ser realizada tanto a partir de uma crítica hostil ao original quanto pelo fascínio que ele provoca na autoria posterior (FOSTER, 2014, p. 141). O fascínio manifestado pelos contemporâneos com relação a obras de determinado passado eleito é motivo para desenvolvimento de obras durante todo o século XX.

Neste trabalho, esse fascínio está relacionado à produção de obras literárias digitais, tendo em vista que estas apresentam questões diversas das obras não digitais, tais como as possibilidades de interação gerando um tipo de recepção ativa que possibilita o ato de ler a obra em uma dimensão ampliada para a sua tradição. Com a interação, a leitura se abre concretamente para o confronto do leitor com a obra, que é: tocada; escutada; vista; uma obra com a qual o leitor dialoga por meio de aparato tecnológico digital. A interação, junto aos vários artifícios da obra literária, é um conformador do fluxo da criação, que passa a ter uma dimensão de compartilhamento com o receptor/leitor que ativará uma poética própria.

Quando tratamos da relação entre literatura e tecnologia digital, essa prática de “revisão da tradição” ou de “reviver a tradição” (seja pela apropriação, antropofagia, colagem, citação, etc.) enfatiza processos diferentes daqueles realizados no papel impresso. Observamos que há nela uma potência preservacionista, pois a produção estética nem sempre acontece como consequência do seu próprio dinamismo, como ocorre com obras elaboradas na forma convencional. Muitas vezes, a rememoração (através de movimentos de apropriação, colagem digital, citação, etc.) da obra de escritor/poeta do passado se dá como modo de saudá-lo e trazer o seu “feito poético” ao contexto atual, guardando a sua memória.

A repetição engendrada por essa prática em obras tecnológicas é perseguida como forma consciente de preservação da tradição no meio digital. Por mais que a ideia de originalidade seja negada, não há de fato um combate à tradição ou uma crítica hostil a ela, mas sua recriação em outro ambiente. Entretanto, tal recriação exige uma elaboração estética que ultrapasse os meios convencionais de produção poética, pois ela apenas pode ser instituída a partir da sua relação com outros campos além do literário, como, por exemplo, o da programação (ciência da computação).

Desse modo, estamos tratando das obras digitais conservando a memória de obras anteriores. Essas obras realizam um processo de digitalização desse passado, operando uma leitura dele a partir de uma poética tecnológica composta pela leitura que o autor tem dessa tradição. Estabelece-se uma leitura produtiva, criativa, gerando produtos diversos, que preserva a memória à medida que apropria do antecessor.

Essa dimensão de formação de memória – ou a incorporação da questão da memória – é algo comum às obras digitais, tendo em vista que o seu meio (*hardware* e *software*) lida permanentemente com os processos de registro e apagamento de uma memória digital enquanto são formados materialmente, afinal são *hardwares* e *softwares*. É por isso que podemos ousar afirmar que ao trazer elementos de sua leitura sobre a tradição para a elaboração de uma obra digital, o autor está manifestando a sua recepção do passado, também permitindo ao leitor desse contexto pós-digital a múltipla percepção: da obra de arte tecnológica nova; da obra da tradição atravessando a obra nova; da conformação de uma visão própria constituída na interação com a obra tecnológica nova.

Para tornar ainda mais clara a especificidade da obra digital constituída, ela também deve ser pensada a partir de sua materialidade. Como elaboração poética que existe, ela é passível de ser objeto também do interesse de preservação. Diferente da ação de preservação que estamos identificando nessas obras digitais que compõem uma leitura da tradição, a ação preservacionista de uma produção estética digital possibilita revelar outras facetas da própria obra, além da tradição. Como afirmamos acima, uma obra literária digital (sobretudo as aqui estudadas) é formada a partir de *hardwares*, *softwares*, interfaces e/ou ambientes computacionais programados e/ou programáveis. Com isso em mente, é inevitável que, se desejamos conservar determinada obra digital, deveríamos também manter suas características tecnológicas, que fazem parte da sua memória enquanto obra.

Esses aspectos tecnológicos constituem uma outra memória, que é diferente dos meios que conformam a memória das obras produzidas para meios impressos. A memória tecnológica, entendida como integrante da obra, traz a dimensão industrial dessa produção, sendo que a indústria está “misturada” poeticamente ao campo artístico-literário (GOBIRA, 2016). Ao preservamos, então, uma obra digital, preservamos memórias: da obra, da tradição, da indústria tecnológica, dos seus campos de atuação (ciência, publicidade, geologia etc.) e, ainda, das suas funções.

As obras que analisaremos na próxima seção estão também preservadas, pois estão depositadas no repositório de literatura digital *Turbulence*. Por estarem na condição de preservadas, podemos observar que o mencionado acima se aplica aos trabalhos que analisaremos. Desse modo, estamos tratando da tradição da literatura a partir de obras que fazem parte de um acervo que constitui uma memória das obras dessa expressão pós-advento das tecnologias digitais.

Compreendemos a obra literária digital como modo de preservação de uma tradição literária, por conseguinte, estamos considerando que a documentação digitalizada desse passado literário se dá de modo criativo, por meio dos movimentos próprios já mencionados (apropriação, citação etc.) que revelam uma condição da literatura digital. Essa condição crítica, de crise, acaba por revelar uma expressão memorial que transcende o seu lugar de “apenas obra literária”, podendo ser vista como “leitura da tradição” e, ao mesmo tempo, problema de preservação.

Essas outras dimensões da obra podem ser vistas da maneira que colocamos somente porque a ideia de produção poética/estética com função crítica (SAFATLE, 2008) se esgotou. E por ter se esgotado a forma crítica como valor estético, é possível a ampliação do uso dessa produção com função diferente de uma estética de imanência. Uma vez que a obra pode ter funções diversas (além da crítica), ela pode se dedicar à ação preservacionista e, ao mesmo tempo, transcender a tradição que preserva.

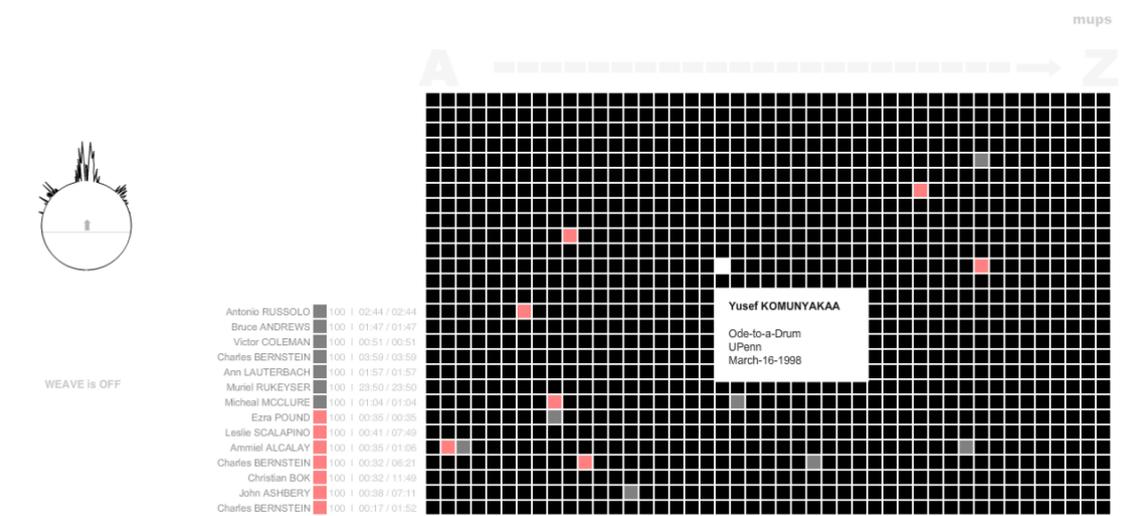
A seguir traremos e analisaremos alguns exemplos de obras que executam esse papel.

ESTUDO DE CASOS POÉTICOS

A fim de averiguar em que medida as obras literárias digitais praticam ações preservacionistas, referindo-se à tradição e movimentando-se para além desta, realizamos um estudo de casos que se fundamenta na análise de obras literárias que são parte de um dos primeiros portais na internet que abrigou a arte feita em novas mídias, o *Turbulence*. O *website*, criado em 1996, é parte do repositório on-line da ELO (*Electronic Literature Organization*) e possui cerca de 356 trabalhos artísticos em novas mídias. Dentre eles, encontramos o *MUPs* (2013), de Jhave, o *iLib Shakespeare* (2014), de Scot Gresham-Lancaster e Tim Perkis, e o *MyNovel* (2006), de Alan Bigelow, que serão analisados a seguir.

Em *MUPs* (2013) foi projetado um mecanismo para que a obra seja construída pelo próprio leitor a partir da leitura de poesias diversas. Aos leitores é dada a possibilidade de escolher os poemas a serem lidos. Eles entrecruzam as poesias, as vozes e os tempos passados, que são marcados pela qualidade das gravações e pelo segundo plano, que traz os contextos das gravações. Há leituras de John Ashbery (1973), Ezra Pound (1970), Antonio Russolo (1921), Bruce Andrews (2008), Victor Coleman (1980) e outros. A obra possui 1260 áudios de poemas que são mantidos pelo arquivo *PennSound*, um arquivo on-line que hospeda as gravações de poetas lendo seu próprio poema.

Apesar da obra *MUPs* utilizar a memória arquivada de outro repositório para se constituir como obra, ela traz em si elementos estéticos que demonstram seu propósito arquivístico. Cada poesia é representada por um quadrado preto (Figura 1), que é marcado quando escolhido. São oferecidas ao leitor informações sobre cada texto, como autor, data, título e coleção onde são mantidos, como em uma exposição de arte em que o próprio leitor é responsável pela curadoria das obras. O leitor pode controlar as leituras com pausas e interferências ou apenas deixar que elas se sobreponham.

Fig. 1 – Jhave. *MUPs* (2013). Captura de tela.

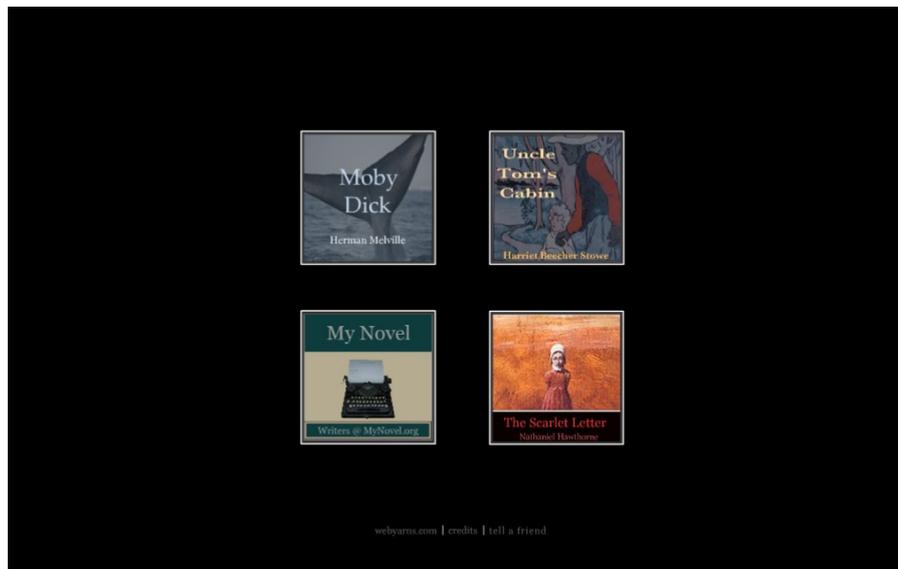
FONTE: Turbulence.org – Disponível em: <http://turbulence.org/spotlight/jhave2/MUPS.htm>. Acesso em: 01 out. 2019.

MUPs não é apenas um trabalho de citação (conforme COMPAGNON, 1996) que ressoa a leitura na escrita e as transforma em um só elemento. A obra pratica o trabalho da citação para uma elaboração estética que também executa uma ação preservacionista. A preservação constituída na obra é da memória da tradição literária junto a outras memórias: dos autores e suas vozes, dos contextos das gravações e do próprio repositório on-line (*Penn Sound*), fonte original das gravações.

De certo modo, podemos ensaiar que essa elaboração estética ilustra, ao menos de modo simbólico, a teoria da amplitude e da decomposição da arte de Isidore Isou (1947), na qual o autor romeno estabelece que a poesia (ou qualquer outra forma artística), inicialmente repleta de significados, se estende a fim de incorporar novos conteúdos até atingir o seu limite e iniciar uma fase de decomposição em que começa a perder seus significados. A imagem que se forma quando a leitura de *MUPs* é iniciada nos mostra tal movimento de incorporação e extensão sendo executados. Quando o seu limite é atingido e nenhum conteúdo pode mais ser incorporado, os poemas e as vozes sobrepostos perdem seus significados. A obra, criada em ambiente digital, se estende também para além da tradição, uma vez que sua elaboração estética excede os meios convencionais de produção poética. *MUPs* funde leitura à escrita, autor ao leitor, leitor ao curador e amplia seu campo (obra poética, exposição artística, performance e arquivo), sem deixar de se colocar como obra poética que também é preservada por outro repositório (*Turbulence*).

No repositório *Turbulence*, encontramos também a obra *My Novel* (2006), de Alan Bigelow, em que o autor reescreve obras clássicas (*Moby Dick*; *On the road*; *A cabana do pai Tomás*; *1984*; *A letra escarlate*; e *Lolita*) com apenas quatro frases em cada livro, além de fotografias, áudio, vídeo e outros elementos (Figura 2). Cada título possui as capas das edições impressas, que marcam o ponto inicial da leitura. O conteúdo dos livros sublinha o condensamento da leitura do autor, recriando, em ambiente digital, narrativas tradicionais que são interligadas: somente quando fechamos *Moby Dick* conseguimos ter acesso a *On the road*; apenas ao encerrarmos a leitura de *A cabana do pai Tomás* podemos ler *1984*; e o mesmo acontece com *A letra escarlate* e *Lolita*. A escolha do autor por disponibilizar suas releituras em ordem predeterminada cria uma continuidade entre o conteúdo das narrativas.

Fig. 2 – Alan Bigelow. *MyNovel* (2006) - captura de tela.



FONTE: Turbulence.org – Disponível em: <http://turbulence.org/project/alan-bigelow/>. Acesso em: 01 out. 2019.

A lógica da supressão do conteúdo e da continuidade entre as narrativas sugere uma abertura na obra para que ela seja expandida ou se torne um *work in progress*. Nesse percurso, o leitor de *My Novel* não pode interferir nas releituras, mas é convidado a escrever sua própria ficção, que é armazenada na obra, mas à parte dos clássicos, na seção “*My novel*”. Não há recomendação para que os leitores insiram seus próprios textos ou apenas clássicos, mas há a exigência de serem quatro frases. Os outros elementos (imagens e áudios) são fornecidos pelo próprio autor e dão uma ideia de sucessão às obras clássicas disponibilizadas pelo autor. Enquanto leitores, temos em *My Novels* a destruição da experiência narrativa clássica e a construção de outra experiência, composta de elementos que criam um *ambiente* narrativo que

remonta ao tradicional e, ao mesmo tempo, está além dele. Enquanto autores, os leitores apenas podem atuar a partir de um condensamento de frases, ou seja, cabe a eles apenas o *exercício* de uma prática introduzida pelo autor.

Por sua vez, na obra *iLib Shakespeare* (2014) de Scot Gresham-Lancaster e Tim Perkis, os leitores são convidados a praticar um exercício de rimas que leva à reescrita de sonetos de William Shakespeare (Figura 3). O leitor pode rimar uma palavra ou frase curta, que será acrescentada a um banco de dados com variações que estarão disponíveis para outros leitores. Cada vez que a página é carregada, as expressões são substituídas pelas rimas sugeridas pelos leitores, de forma aleatória. Há também uma música tocada de fundo, de John Dowland (1563-1626), que também sofre modificações similares aos sonetos. As perturbações que os leitores realizam no soneto se encontram no novo poema denominado “*Versão dadá*”.

Fig. 3 - Scot Gresham-Lancaster e Tim Perkis. *lib shakespeare*. 2014. Captura de tela.

iLib Shakespeare
the perturbed sonnet project

Join a network community in modifying a Shakespearean sonnet into a rhyming dadaist version. Fill in a rhyming transformation of the phrase below to add your bit to the transformation. And hit the "Play Music" button above to also hear a similar transformation of some music from the same era.

What's a rhyme for "shake against the cold" ? [Add my new rhyme](#)

The Original Number 73:

That time of year thou may'st in me behold
When yellow leaves, or none, or few, do hang
Upon those boughs which shake against the cold,
Bare ruin'd choirs, where late the sweet birds sang.
In me thou see'st the twilight of such day,
As after sunset fadeth in the west,
Which by-and-by black night doth take away,
Death's second self, that seals up all in rest.
In me thou see'st the glowing of such fire
That on the ashes of his youth doth lie,

Dadaist Version:

That time of year thou may'st in me behold
When **ravel'd sleeves**, or none, or few, do hang
Upon those boughs which **don't grow old**,
Bare ruin'd choirs, where late the sweet birds sang.
In me thou **seizing sights** of such day,
As after sunset fadeth in the west,
Which by-and-by **mack fight** doth take away,
Death's **on the shelf**, that seals up all in rest.
In me thou see'st the glowing of such fire
That on the ashes of his youth doth lie,

FONTE: Turbulence.org – Disponível em: <http://turbulence.org/Works/iLib/?73>. Acesso em: 01 out. 2019.

A retomada da tradição acontece em *iLib Shakespeare* não apenas pela referência aos poemas do dramaturgo e à música de John Dowland. A menção aos dadaístas evidencia que o *exercício* proposto pela obra também é uma forma de retomar a tradição artístico-literária. Ainda que a rejeição Dadá das experiências formais anteriores ao movimento esteja presente na superfície de *iLib Shakespeare*, através do título “*Versão Dadá*” é sugerido aos leitores que as substituições sejam feitas com palavras ou frases que rimam com a frase original. Ao mesmo tempo, não é possível escolher quando as substituições acontecem. Com isso, são conservados ambos métodos de criação poética: a rima e a aleatoriedade. A obra *iLib*

Shakespeare preserva não apenas o texto de Shakespeare e a música de Dowland em ambiente digital, mas também os *métodos* de elaboração estética tanto de Shakespeare quanto dos dadaístas, que se encontram ali amparados por recursos tecnológicos que, por sua vez, também remetem a outras memórias.

Percebemos, então, que a obra literária digital possui outras funções que diferem de uma estética da imanência. Ela pode: ter elementos estéticos que afirmam sua intenção arquivística; utilizar a citação como um recurso estético de criação poética e de conservação da memória da tradição literária em meio digital; criar condensação de leitura e escrita que acarreta a destruição da experiência narrativa clássica para a criação de um ambiente narrativo; e, ainda, ser um meio para a preservação de métodos de elaboração poética. Todas essas funções assinalam a retomada da tradição como forma de seguir para além dela, seja como “revisão da tradição” ou ao “reviver a tradição”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, neste artigo, a hipótese de que ler a literatura digital, sobretudo as obras aqui estudadas, significa conhecer uma tradição com a qual elas se relacionam. Isso se deu, nos trabalhos abordados, tanto a partir da construção do poeta quanto da perspectiva da recepção dessa obra de arte digital.

Se de fato fôssemos partir da teoria de Isidore Isou, para quem há na arte as fases de amplitude e de decomposição (MARCUS, 1990, p. 229-230), a literatura digital aparenta estar em uma fase de amplitude em que a tradição vem sendo dialogada ao extremo e constituindo um modo próprio de se conservar, além das maneiras tradicionais em pesquisas acadêmicas ou através do mercado editorial, mas agora por meio de obras literárias digitais. Com isso, pensando a partir das colocações de Isou, essas obras estariam a caminho de atingir o seu limite como elaboração estética e, ao adquirir um caráter preservacionista, poderíamos pensar que elas começam a sinalizar essa desintegração.

Esse modo próprio da obra digital vai além da noção de paródia, citação, etc. e se encontra mais dentro da operação de apropriação, que é vista aqui como um modo de preservação da memória. Memória que é, como sabemos, repleta de esquecimentos e reconstituições, podendo ser plasticamente tratada, tal como autores diversos o fizeram, bastando lembrar de:

Walter Benjamin e as suas *Passagens* (BENJAMIN, 2018), ou mesmo as suas teses “Sobre o conceito de história” (BENJAMIN, 1987); Andre Malraux e a ideia de *Museu imaginário* (MALRAUX, 2017); ou então o modo de conhecer de Aby Warburg, *Atlas Mnemosyne* (WARBURG, 2012).

Neste trabalho, por fim, apresentamos ao nosso leitor essa nossa leitura da literatura digital, dentro do campo das artes digitais. Essa multiplicidade de campos em relação acaba por revelar um alto grau tecnológico e simbólico da especialização de nossa sociedade contemporânea. Vimos que esse grau já estava demarcado na reflexão de Walter Benjamin (2017) desde o princípio do século XX, o que revela uma conformação em torno de processos de produção que continuam avançando para além de um lugar fixo (do autor, do leitor) ou, como vimos aqui, de um modo de preservação da memória dessas expressões estéticas que são revividas tanto no depósito em acervos digitais (como o *Turbulence*) quanto nas próprias obras que encontramos ali arquivadas.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época da possibilidade de sua reprodução técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Estética e sociologia da arte*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 7-47.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2018. (Vol. 1, 2 e 3)

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

ELIOT, Thomas Stearns. Tradição e talento individual. In: ELIOT, Thomas Stearns. *Ensaaios*. São Paulo: Art Editora, 1989. p. 37-48.

GOBIRA, Pablo. Por uma preservação integral da obra de arte digital: anotações sobre arte tecnológica. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, vol. 4, n.3, Campinas, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8646335>. Acesso em: 10 jun. 2019.

GOBIRA, Pablo.; CORRÊA, Fernanda. A preservação digital da poesia: uma análise do Arquivo Digital da PO.EX. In: GOBIRA, Pablo. (org.). *A memória do digital e outras questões das artes e museologia*. Belo Horizonte: EdUEMG, 2019. p. 165-188. Disponível em: <http://eduemg.uemg.br/component/k2/item/161-a-memoria-do-digital-e-outras-questoes-das-artes-e-museologia>. Acesso em: 10 jun. 2019.

ISOU, Isidore. *Introduction à une nouvelle poésie et à une nouvelle musique*. Paris: Gallimard, 1947.

KOZAK, Claudia. Comunidades experimentales y literatura digital en Latinoamérica. *Virtualis*, v. 9, n. 17, janeiro-junho 2018. p. 9-35. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7085400>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MALRAUX, André. *O museu imaginário*. Lisboa: Edições 70, 2017.

MARCUS, Greil. *Lipstick traces: a secret history of the twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

SAFATLE, Wladimir. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

TURBULENCE. Disponível em: <http://turbulence.org/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

WARBURG, Aby. *L'Atlas Mnémosyne*. Paris: l'Écarquillé, 2012.

NOTAS DE AUTORIA

Pablo Gobira (pa.gobira@gmail.com) é Professor da Escola Guignard (UEMG), do PPGArtes (UEMG) e do PPGGOC (UFMG). Membro pesquisador e gestor de serviços da Rede Brasileira de Serviços de Preservação Digital do IBICT/MCTI. Coordenador do grupo de pesquisa (CNPq) Laboratório de Poéticas Fronteiriças [<http://labfront.tk>]. Escritor e editor dos livros: "A memória do digital e outras questões das artes e museologia" (EdUEMG, 2019), "Percurso contemporâneo: realidades da arte, ciência e tecnologia" (EdUEMG, 2018), "Configurações do pós-digital: arte e cultura tecnológicas" (EdUEMG, 2017), "Refletindo sobre a cultura" (EdUEMG, 2017), "Jogos e sociedade" (Crisálida, 2012), Walter Benjamin "Lado B" (Crisálida, 2011) dentre outros livros e artigos. Pesquisador dos grupos "Estudos e Práticas de Preservação Digital" e "Núcleo de Estudos dos Acervos de Escritores Mineiros". Atua: na curadoria, criação e produção no campo da cultura, artes digitais e ciências; como professor em cursos de fronteira como o Curso de Engenharia de Máquinas Biológicas (UFMG, UEMG, UFV e Newton Paiva); curadoria de bienal, exposições e residências artísticas. É coordenador do Programa Institucional de Extensão (UEMG) Direitos à Produção e ao Acesso à Arte e à Cultura.

Fernanda Corrêa (fernandalcorrea@gmail.com) possui graduação em Letras - Português pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008) e mestrado em Artes e Música pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2018). Membro do grupo de pesquisa Lab|Front (Laboratório de Poéticas Fronteiriças).

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

GOBIRA, Pablo; CORRÊA, Fernanda. Autores-leitores da tradição literária: a literatura digital como ação preservacionista. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 181-195, 2019.

Contribuição de autoria

Pablo Gobira: concepção; elaboração do manuscrito; coleta de dados; análise de dados; discussão dos

resultados; revisão e aprovação.

Fernanda Corrêa: concepção; elaboração do manuscrito; coleta de dados; análise de dados; discussão dos resultados; revisão e aprovação.

Financiamento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação da Universidade Estadual de Minas Gerais.

Consentimento de uso de imagem

Fig. 1 – Jhave. MUPs (2013). Captura de tela. Turbulence.org. Disponível em: <http://turbulence.org/spotlight/jhave2/MUPS.htm>. Acesso em: 01 out. 2019.

Fig. 2 – Alan Bigelow. MyNovel (2006) - captura de tela. Turbulence.org. Disponível em: <http://turbulence.org/project/alan-bigelow/>. Acesso em: 01 out. 2019.

Fig. 3 - Scot Gresham-Lancaster e Tim Perkis. lib shakespeare. 2014. Captura de tela. Turbulence.org. Disponível em: <http://turbulence.org/Works/iLib/?73>. Acesso em: 01 out. 2019.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 02/12/2019

Aprovado em: 05/12/2019